

# Adélia Prado – Amor

A formosura do teu rosto obriga-me  
e não ousa em tua presença  
ou à tua simples lembrança  
recusar-me ao esmero de permanecer contemplável.  
Quisera olhar fixamente a tua cara,  
como fazem comigo soldados e choferes de ônibus.  
Mas não tenho coragem,  
olho só tua mão,  
a unha polida olho, olho, olho e é quanto basta  
pra alimentar fogo, mel e veneno deste amor incansável  
que tudo rói e banha e torna apetecível:  
caieiras, desembocaduras de esgotos,  
idéia de morte, gripe, vestido, sapatos,  
aquela tarde de sábado,  
esta que morre agora antes da mesa pacífica:  
ovos cozidos, tomates,  
fome dos ângulos duros de tua cara de estátua.  
Recolho tamancos, flauta, molho de flores, resinas,  
rispidez de teu lábio que suporto com dor  
e mais retábulos, faca, tudo serve e é estilete,  
lâmina encostada em teu peito. Fala.  
Fala sem orgulho ou medo  
que à força de pensar em mim sonhou comigo  
e passou um dia esquisito, o coração em sobressaltos à  
campainha da porta,  
disposto à benignidade, ao ridículo, à doçura. Fala.  
Nem é preciso que amor seja a palavra.  
'Penso em você' – me diz e estancarei os féretros,  
tão grande é minha paixão.

**Adélia Prado, Terra de Santa Cruz**